

RAMÓN PASCUAL MUÑOZ SOLER

**“O MISTÉRIO DA  
FLOR DE OURO”  
E A  
PSICOLOGIA ANALÍTICA  
DE JUNG**

Revista Médica de Metapsíquica

1949

Ano II N° 2 e 3



# "O MISTÉRIO DA FLOR DE OURO" E A PSICOLOGIA ANALÍTICA DE JUNG

## INTRODUÇÃO

O fato de ocupar-nos da análise e do comentário de um antigo livro chinês, considerado de “carácter esotérico”, em uma revista científica dedicada ao estudo de problemas metapsíquicos, requer uma explicação prévia.

Pareceria – à primeira vista (e Jung foi criticado nesse mesmo sentido) – que nos afastamos da ciência psicológica para internar-nos nos labirintos da filosofia e da mística religiosa. E, quando aquele que se ocupa desses temas é um metapsiquista, a crítica pode interpretar mal as coisas e dizer: ou que ele está invadindo jurisdições que não cabem à ciência ou que, estando envolvido com determinadas doutrinas filosóficas, quer adaptar a metapsíquica a elas.

Nem uma coisa nem a outra. O que acontece é que o metapsiquista, como homem de ciência de vanguarda, se dá ao trabalho de estudar e interpretar – com os métodos que lhe oferece a psicologia moderna – a linguagem simbólica de algumas produções da mente humana, incompreensíveis para a mente racional. Ele se empenha em desvelar seu “oculto” significado, à luz dos novos conhecimentos.

Durante séculos inteiros os sonhos não haviam sido objeto da ciência porque se considerava indigno de um cientista ocupar-se de temas que estavam em mãos da feitiçaria e da superstição. No entanto, quanta luz lançou seu conhecimento sobre a estrutura e a dinâmica da psique humana, com a interpretação psicanalítica.

O mesmo aconteceu com a histeria. Os médicos anteriores a Charchot não queriam ocupar-se de prestar atenção às ricas descrições que os enfermos faziam de seus sintomas porque pensavam que se tratava de simulações e que poderiam ser enganados a cada passo. Charchot rompeu com essa tradição do passado e, seguindo seu exemplo, uma plêiade de investigadores, Janet, Breuer, Bernheim, culminando com Freud, prestaram uma atenção cada vez maior ao estudo dos sintomas neuróticos e à análise da vida íntima desses enfermos, tão descuidada até então.

Com o movimento psicanalítico, se inicia uma etapa frutífera para a psicologia, com novas possibilidades no campo terapêutico e maior conhecimento dos fenômenos psíquicos.

Algo parecido está ocorrendo atualmente nos domínios da parapsicologia, onde homens ilustres dedicam seus melhores afãs à compreensão científica de produtos psicológicos tão naturais e tão antigos como os sonhos e as neuroses. Refiro-me aos símbolos de quase todas as religiões – e que até o presente não foram considerados, de forma geral, como dignos de um estudo acadêmico.

A psicanálise tem o grande mérito de haver iniciado este importante estudo do simbolismo, o qual agora a parapsicologia amplia com novas bases.

Jung, ao ocupar-se do comentário psicológico de “O Mistério da Flor de Ouro” expõe novos aspectos de sua psicologia complexa. Alguns conceitos nos resultam compreensíveis, mas para a interpretação de outros devemos confessar com Mira y López que a psicologia junguiana é demasiado “complexa”.

Por outro lado, tanto o comentário de Jung quanto o nosso devem ser considerados como simples ensaios porque se trata de experiências psíquicas às quais não se submeteu ainda a análise experimental, que seria de desejar.

## **"O MISTÉRIO DA FLOR DE OURO"**

“O Mistério da Flor de Ouro” é o título de um antigo livro chinês, cujo nome original é “T'ai i Ching hua Tsung”, oculto durante muito tempo em mãos de algumas pessoas interessadas nos estudos místicos e filosóficos do Oriente e que teve difusão no Ocidente com a tradução para o alemão, de Richard Wilhelm.

Posteriormente, foi traduzido para o inglês por Cary F. Baynes (“The Secret of Golden Flower”) e para o italiano por Mario Gabrieli (“Il Mistero della Fiore d'Oro”).

O comentário de C. G. Jung, cuja autoridade em matéria de psicologia comparada dos povos primitivos é suficientemente conhecida, deu maior atualidade a este texto que, do contrário, talvez não teria chegado a ocupar o interesse dos cientistas de nossa época.

Os ensinamentos do livro, antes de serem impressos, existiam em forma de tradição oral e eram transmitidos através de ensinamento direto, de um adepto a outro. Parece que, por volta do sétimo século depois de Cristo, já havia uma cópia manuscrita da doutrina (xilografia em tábuas de madeira) e depois, uma edição de imprensa no século XVIII. A tradição oral se remonta à religião ou teoria do elixir da vida (Ching Tan Chiao), cujo fundador – supõe-se – seja o adepto Lü Yem que aparece no livro como o mestre Lü Tzu.

Por outro lado, o livro não oferece uma unidade original. Ao contrário, os críticos de religiões comparadas, como Wilhelm, apontaram as diferentes correntes de pensamento que influíram no núcleo do corpo de doutrina. Assim, por exemplo, destacam-se influências do budismo, taoismo, confucionismo, e até do cristianismo, através da seita dos nestorianos.

Como o faz notar o tradutor italiano M. Gabrieli, não se trata de uma obra especificamente filosófica, mas de um livro de meditação e experiência religiosa; e nesse sentido deve ser interpretado.

Quando se lê o texto original pela primeira vez, tem-se uma impressão de perplexidade, devida à grande quantidade de termos que não têm – para nossa mentalidade moderna – um significado compreensível e em conexão lógica com nossos conhecimentos: como por exemplo “a flor de ouro”, “a luz do céu”, “o coração celeste”, “a circulação da luz”, etc. As ideias e os conceitos que tais palavras evocam hoje em nós não nos permitem um conhecimento preciso. E, portanto, não podemos penetrar no próprio núcleo da doutrina expressa no livro. Em outras palavras, a comunicação entre o autor ou os autores do livro (que empregam a linguagem da China de há vários séculos) e nós (homens do século XX) não pode ser estabelecida na primeira tentativa porque as palavras utilizadas para expressar o pensamento não facilitam laços comuns entre ambas mentes. Esta é a razão pela qual, livros deste tipo não têm maior difusão, ainda entre pessoas cultas. E é a razão pela qual, durante centenas de anos, ficaram reduzidas a um pequeno grupo de “iniciados” que podem penetrar naquilo que, para o resto da comunidade, é “oculto”.

Por sorte, em “O Mistério da Flor de Ouro” juntaram-se os esforços de dois eminentes orientistas, Wilhelm e Jung, para tornar compreensível à mentalidade Ocidental moderna, o pensamento antigo do Oriente.

À força de ser sincero, eu não poderia dizer se essa tradução de conceitos foi total ou se, como parece o mais provável, é só uma tentativa de aproximação de uma realidade conceitual que ainda permanece inalcançável. Gostaria de lembrar, a este propósito, o que diz Gustave Le Bon em sua “Psicologia das Multidões”, ao

estudar o valor das palavras e seu significado nos diferentes povos: “As palavras - diz - não têm senão significações contingentes e transitórias, que mudam de idade para idade e de povo para povo. Numerosas são as palavras cujo sentido mudou e das quais não chegamos a compreender aquele sentido anterior, a não ser mediante um grande esforço. Foi dito, e com razão, que são necessárias grandes leituras para chegar somente a conceber o que significavam para nossos avós, palavras tais como: “o rei e a família real”. O que então não se necessitaria para precisar termos mais complexos ainda? E, finalmente, ele chega à conclusão de que a tradução completa de uma língua, especialmente tratando-se de povos mortos, é coisa completamente impossível.

Com estas dificuldades e limitações previamente conhecidas, tentaremos uma análise e um comentário da obra.

O livro começa dando a noção de Tao. “O ente que é por si mesmo se chama espírito (Tao). O espírito não tem nome nem forma. É o ser único, o único espírito primordial, o grande Uno: não existe nada acima Dele”. “É o espírito do mundo antecedente a toda realização”. É a luz do céu, a consciência celeste, o coração celeste, a flor de ouro.

Esta flor de ouro, como o mesmo livro diz, “é um símbolo que significa a verdadeira potência do grande Uno Transcendente”.

Revelar o mistério da flor de ouro tem o significado de conhecer e realizar esse princípio superior que se encontra imanente no homem e a cuja realização tendem, ainda que por diferentes vias e diferentes métodos, as principais religiões. Para chegar a esta realização superior é preciso seguir certa via. Daí que alguns traduzam Tao por Via, com o significado de via de conhecimento ou caminho consciente.



Vejamos através do seguinte fragmento dos “Upanishads” qual a similitude que existe entre os conceitos do texto chinês e os ensinamentos destes antigos livros; e como é necessário descobrir, entre diferentes palavras, uma identidade conceitual:

“Conhecendo, pois a Brahma, através da força da meditação e por favor de Deus, e realizando a forma superior de vida, é como se mostra a nós a suprema verdade, em toda sua plenitude”. Este segredo supremo, contido na ciência final da sabedoria, ensinado nos passados séculos, não deve ser ensinado àquele que não possui a paz perfeita, ou que menospreza o dever filial, ou que rompe a regra da disciplina”.

Por sua vez, os métodos da Yoga tendem à união do ser pessoal com o grande Princípio Imanifestado (Ser Impessoal).

Acredito que nestes exemplos se terá uma ideia bem clara do que significa “O Mistério da Flor de Ouro”.

A Flor de Ouro é a luz, diz o texto. Mas aqui, a luz deve ser interpretada como um novo símbolo que representa a consciência (Jung). É uma consciência superior que, desde o ponto de vista parapsicológico, poderia ser chamada como supraconsciência. E que constitui o foco de um eu superior, chamado “Eu Impessoal”, que transcende o eu pessoal. Já veremos mais adiante, como estes conceitos – que não surgiram somente destes antigos livros, mas foram adquiridos pela observação metapsíquica – nos permitem ter um novo esquema da personalidade e do mecanismo psíquico.

Em seguida, diz nosso livro: “A flor de ouro é o elixir da vida” (Chin Tan) com o que, chegaríamos à conclusão de que revelar o mistério da Flor de Ouro equivaleria

a obter o segredo do elixir da vida. Ou seja, a pedra filosofal dos antigos alquimistas. Mas, isso que resulta de uma análise superficial, fica refutado quando se observam os fatos desde outro ponto de vista. E isto tem importância ao estudar a história da alquimia.

O que caracteriza especialmente a alquimia medieval é um corpo de doutrina que tende, mediante a obtenção de uma substância especial (chamada elixir da vida ou pedra filosofal) a transformar os metais vis, em ouro. Além deste, que poderíamos chamar aspecto químico da alquimia, existiam profundas relações com a medicina e assim, se afirmava que ingerido o próprio elixir da vida, ou o ouro potável, produzia a eterna juventude do corpo.

Quando se investiga as origens da alquimia, alguns autores chegam à conclusão de que as fontes da mesma se remontam ao antigo Egito, onde os sacerdotes dos templos transmitiam seus ensinamentos a um grupo seletivo de “iniciados”: Hermes Trismegisto passa por ser seu fundador. Esta origem sacerdotal faz que os alquimistas a designem habitualmente com o nome de “arte sagrada”.

Em realidade, se conservam muito poucos escritos originais, encontrados em antigas tumbas egípcias, sendo as principais obras de autores gregos, entre os quais se pode citar Demócrito de Abdera (460 a de J. C.) que, segundo a tradição, foi iniciado nos mistérios do santuário de Menfis, e também, Olimpiodoro (século V depois de J. C.). Apesar de que todos estes escritos tenham sido deformados pela lenda e as opiniões pessoais daqueles que as escreveram, traduzem bem claramente que a alquimia original não se limitava àqueles aspectos químicos e terapêuticos dos quais falamos acima, senão que era algo assim como uma "Ciência da Natureza" que pretendia chegar à “Sabedoria”. E os mais destacados alquimistas

se ocupavam das relações entre os metais e os planetas, dos sistemas cosmogônicos, de ciências naturais e da estrutura íntima dos elementos.

Durante a Idade Média, foi-se perdendo cada vez mais este critério natural da alquimia e ele foi se convertendo em um conjunto de manipulações químicas e mágicas que, nas mãos dos charlatões, desencadearam muito cedo o final da alquimia. Tudo faz pensar que, entre a arte dos últimos alquimistas do final da Idade Média e a sabedoria dos filósofos egípcios e gregos, existe uma grande distância que é impossível transpor. É pena que não se possa dispor de documentos históricos para reconstruir as antigas origens da alquimia. E que elas tenham sido perdidas e desfiguradas pelos autores posteriores.

Mas este texto chinês que tanto tem interessado aos cientistas ocidentais, juntamente com outros livros sagrados hindus, nos permite enfocar “a teoria do elixir da vida” desde novos pontos de vista. Que talvez sejam os mesmos que os antigos sacerdotes herméticos possuíam.

Diz o texto: “A flor de ouro é o elixir da vida (Chin Tan)” e para conseguir esse estado superior de consciência devem tender todos os esforços do discípulo, por meio da meditação e da purificação. Realiza-se através desta via um processo “alquímico” de superação espiritual, cujo centro diretor e gerador é “a luz que está entre os olhos” (Flor de Ouro), a qual penetra depois em todas as estruturas inferiores, instintos e impulsos.

Pareceria, de acordo com o que acabamos de dizer, que existem duas grandes correntes na doutrina alquimista do elixir da vida, que corresponderiam a duas direções do pensamento humano que divergem cada vez mais uma da outra: a primeira (via externa) estaria representada pela alquimia grega e medieval, cujo fim é obter a transformação dos metais em ouro e a eterna juventude, por meio do

elixir mágico. E a outra (via interna) estaria representada por certas disciplinas místicas e de conhecimento que tendem à obtenção de uma consciência superior, cujos poderes são infinitos e podem atuar sobre o organismo, produzindo uma maior vitalidade (Yoga).

Haverá uma relação entre ambas modalidades? Desde o ponto de vista psicológico esta sublimação alquímica de que acabamos de falar é um processo de superação evolutiva das tendências inconscientes, em direção a uma consciência cada vez mais ampla. Os psicanalistas – ainda sem vislumbrar estas novas interpretações de Jung e sem conhecer as novas orientações que a parapsicologia dá à psicologia geral – consideraram sempre o psiquismo humano como uma árvore, cujas raízes (instintos e tendências profundas) se afundam nas profundezas do inconsciente pessoal e coletivo; e cujas flores se elevam em direção ao alto. Entre a flor magnífica e a raiz obscura existe uma grande diferença estrutural, apesar de que a primeira também nutre a seiva instintiva, surgida das profundezas. A flor, em outras palavras, é um produto sublimado do inconsciente. O mesmo significado tem o simbolismo da Flor de Ouro surgindo da escuridão e também as seguintes expressões do texto: “o escuro gera a luz”, ou “do chumbo é gerado o ouro nobre”. Haverão tomado os alquimistas gregos e medievais o significado simbólico e alegórico pelo verdadeiro, oculto nos antigos mistérios por trás dos símbolos e das alegorias?

Mais adiante, o livro se ocupa do “espírito originário” e do “espírito consciente”: “O espírito originário é o verdadeiro ser e supera tempo e espaço, está além das oposições da polaridade”. O espírito primeiro reside na cabeça, entre os olhos, é o “coração celeste”. Em troca, o “coração carnal” está subordinado ao mundo externo e representa a consciência pessoal.

Há aqui uma diferenciação muito importante entre dois centros de consciência, que até agora a psicologia clássica não levou em conta; e que Jung tem o mérito de havê-la posto em relevo e de haver expressado em claros termos psicológicos o que aparentemente é obscuro dentro da terminologia dos textos antigos.

O “coração celeste” corresponde a um foco de consciência superior que é expressado com os termos “Eu Imperial”, “Eu Superior”; em troca, o “coração carnal” é o espírito consciente ou “Eu pessoal”.

O estado de vigília comum está centralizado por este “eu pessoal”. Mas o indivíduo pode chegar, por superação, a atualizar conscientemente o eu superior, que tem carácter cósmico e cujos poderes e possibilidades superam infinitamente aqueles do eu pessoal.

Ambas categorias psíquicas têm características especiais que não detalharemos neste trabalho. Só queremos fazer notar que esta é uma das contribuições mais importantes com as quais a parapsicologia contribuiu para o conhecimento do psiquismo humano, permitindo estabelecer de forma inequívoca o que antes havia sido estabelecido somente com base especulativa.

A realização do eu superior fica expressa no texto, de forma gráfica, na seguinte afirmação: “É como se sobre o trono se sentasse um potente e grande senhor. Uma vez afirmado o poder central, todos os súditos vêm para receber ordens de seu senhor”. Este último fato indica, de forma simbólica, a ação purificadora que “a luz celeste” exerce sobre todas as estruturas inferiores; e a subordinação destas últimas ao foco de consciência superior.

Em resumo: por meio da “meditação” (processo psicológico), se chega à “visão da luz”, isto é, chega-se a um novo estado de consciência, o qual é muito frequente

nos místicos, e que Jung qualifica como “um estado agudo de consciência igualmente intensa e abstrata, a qual leva até a luz da sabedoria aquela esfera do *devenir* psíquico, usualmente recoberta de obscuridade”.

Esta realização de novos estados psíquicos no homem foi expressada, com frequência, de forma gráfica e simbólica por meio dos chamados “mandalas” que têm o carácter de verdadeiros “sistemas psicocósmicos”.

A mandala da Flor de Ouro é uma bela representação artística ornamental que tem a flor no centro e um círculo (círculo mágico) ao redor. Sua tradução em termos psicológicos é a seguinte: o centro da mandala, a Flor de Ouro, é Tao, a luz que reside entre os olhos e que, como já dissemos, simboliza o foco superior da consciência.

O recinto circular que rodeia a luz central - que também está presente em outros mandalas - toma o carácter de “círculo mágico” rodeando o “recinto sacro”. Isto corresponde à ideia da “meditação” ou concentração, ao redor de si mesmo e que constitui, da mesma forma, uma barreira protetora para defender a consciência da ação dissolvente do inconsciente.

Este inconsciente exerce sobre a consciência organizada uma ação que em determinadas circunstâncias pode converter-se em perigosa e pode até chegar a dominá-la por completo.

Jung fala de conteúdos autônomos do inconsciente, os quais classifica como **reais**, **relativamente reais** e **irreais**. **Os primeiros** são aqueles que, não reconhecidos como tais pela consciência, são projetados para o exterior (mecanismo de projeção). **Relativamente reais** quando têm relação com a consciência e estão em

condições de serem assimilados: é a noção universal do culto a seres espirituais divinos. E **irreais** quando a consciência tende a subtrair-se a seus conteúdos.

Este último seria um estado superior, difícil de alcançar e só realizável pela via do aperfeiçoamento pessoal. Chega-se a um estado de consciência no qual não é possível erro algum (Maya). Eis aqui as próprias palavras de Jung: “Não se pode levantar o véu de Maya através de uma simples resolução lógica. Senão que é necessária a mais radical e constante preparação, que consiste no escrupuloso cumprimento de todos os deveres com relação à vida. Com efeito, enquanto dura aquela incondicionada escravidão, da qual é causa a “ganância”, o véu não será eliminado nem se poderá alcançar a altura daquela consciência livre de conteúdos e privada de ilusões, que nenhum jogo de artifício, nenhum engano, pode levar a realizar, por força de encanto. Porque se trata de um ideal realizável só no final, na morte, e até que esta chegue, não subsistem mais do que representações de consciência, “reais e relativamente reais”.

Vejamos como Jung interpreta a meditação, desde o ponto de vista psicológico:

“A meditação – ele diz - é um processo psíquico por meio do qual se realiza a retirada da consciência dos objetos externos e uma eliminação da “participação mística” que, ao existir, não diferencia o objetivo do subjetivo”.

Desta forma, diferencia-se o centro de gravitação da personalidade, do eu consciente pessoal para outro centro superior, chamado o Si. Surge uma nova personalidade que realiza o “fruto sacro” ou “corpo adamantino” ou “Flor de Ouro”.

“Aquilo em que se torna definitivamente a consciência resgatada – ele diz – não se deve pedir ao psicólogo. Porque dessa forma, seriam ultrapassados esterilmente os limites de sua competência científica”.

Em resumo, e a modo de síntese, a obtenção da consciência superior equivale ao nascimento de um novo homem, com potências desconhecidas para o ser pessoal centrado na consciência habitual.

Do dualístico Uno são gerados dois princípios chamados *yang* e *yin*: o primeiro se manifesta como princípio ativo condicionante e o segundo como princípio passivo, derivado ou condicionado.

Diz Wilhelm que nos círculos europeus ficou restrito o significado destes dois conceitos ao aspecto sexual, considerando *yang* como masculino e *yin* como feminino. Isto é verdade só em parte, como veremos mais adiante. Pois isto que em realidade se estende a todas as antíteses ou polaridades da personalidade – entre as quais, como é lógico, se encontram as sexuais – não se trata, por outro lado, de uma dualidade metafísica.

Entre as representações do inconsciente existem duas que têm uma especial importância e que são designadas com os nomes de *Anima* e *Animus*. A primeira tem caráter feminino, pertencente ao princípio *yin*. Pertence ao “coração carnal” e é sede das paixões, excitações e cólera (polo inferior); o *Animus* pertence ao princípio *yang* e é sede da luz e do razoamento do homem (polo superior). Diz Jung:

“A introspeção profunda (ou a experiência do êxtase) revela a existência de uma figura feminina no inconsciente (do homem), da qual deriva a denominação de *Anima*, psique, alma. De modo que, podemos definir *Anima* como imago,



arquétipo ou base de toda experiência que o homem tem da mulher. Motivo pelo qual a imagem de *Anima* é projetada regularmente na mulher”.

A *Anima* é um sistema parcial psíquico do inconsciente. E, portanto, pessoal. Sua antítese é o *Animus*, princípio superior que representa a clareza da consciência e que Jung diferencia no homem e na mulher. Para o homem, prefere utilizar, em lugar de *Animus*, a palavra *Logos* que conforme ele mesmo, expressa melhor o espírito do homem. E reserva *Animus* para o caso da mulher, em quem também tem o carácter de um *logos*, mas de natureza inferior.

## **Conclusões**

Considero que o livro “O Mistério da Flor de Ouro” e os comentários de Wilhelm e Jung devem ser lidos. Mas seu estudo e compreensão só estão ao alcance dos especialistas.

Como se pode haver apreciado através das simples descrições precedentes, a psicologia de Jung é extremamente complicada, cheia de termos e difícil de ser apreendida em seu conjunto. Mas oferece muitos fatos de valor indiscutível.

É preciso destacar, entre eles, a estrutura do inconsciente e os diferentes conteúdos autônomos que explicam muitas perturbações psíquicas e alguns fenômenos parapsicológicos ou metapsíquicos.

Também é digno de ser tida em conta, a existência de, pelo menos, dois focos de consciência, um pessoal e o outro impessoal. O primeiro comum e limitado, e o segundo superior e transcendente.

Este conhecimento tem aplicações práticas em psicoterapia (superação individual e psicossíntese em um plano superior de consciência). A existência, no inconsciente do homem, de uma imagem arquetípica da mulher, Anima, projetada no exterior, é um fato que deve ser considerado quando se trata de explicar alguns fenômenos normais e patológicos.